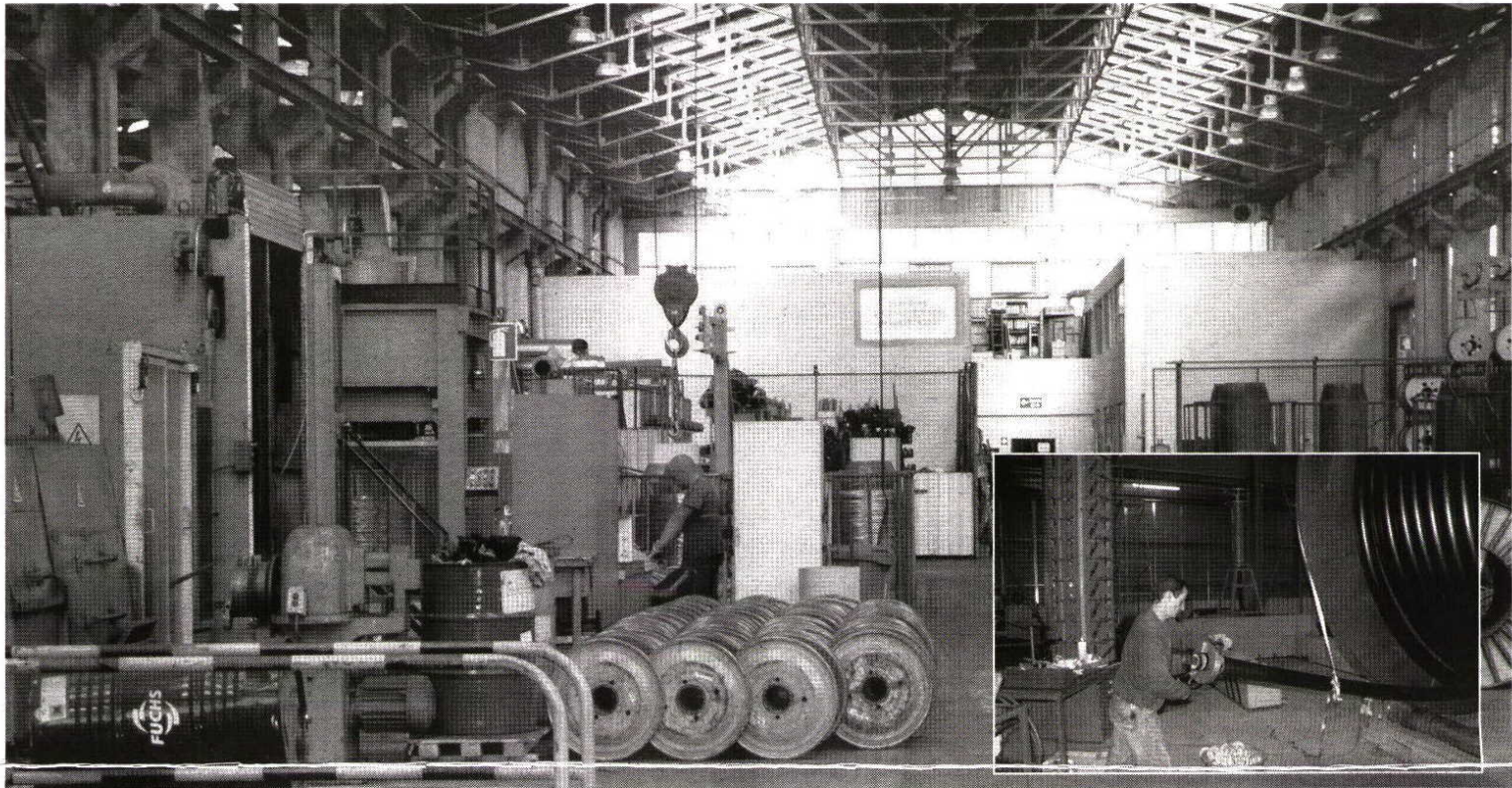




## Prémio "fornecedor do ano" é "galardão que muito honra" a Solidal



A Solidal venceu o prémio "Fornecedor do Ano" atribuído pela EDP, na primeira edição Prémios EDPpartners.

Pedro Lima, presidente do Conselho de Administração da Solidal, empresa localizada em Esposende, sublinha a importância da atribuição do galardão por parte de uma empresa como a EDP, "bastante conhecida no sector". "Em primeiro lugar a EDP é o nosso cliente mais antigo e mais tradicional. Atribuírem-nos esse galardão muito nos honra. Para além disso, é um galardão que é útil; confere prestígio a quem é dado e no plano internacional obviamente que reforça a nossa imagem junto dos clientes institucionais", referiu Pedro Lima, afirmando que a Solidal tudo fará para "continuar a merecer a confiança da EDP".

A Solidal é uma empresa que produz cabos e condutores eléctricos, estando instalada em Esposende e fornecendo para diversos países. "A Solidal é uma empresa que, no fundo, representa o ramo de divisão de actividade de cabos e condutores eléctricos da Quintas e Quintas", conta o presidente do Conselho de Administração, registando que inicialmente nasceu como empresa independente, em 1969, por iniciativa de investidores do Porto. "Teve sede administrativa em Lisboa, no Centro Comercial das Amoreiras, nos anos 80, mas a fábrica sempre esteve em Esposende", refere Pedro Lima. "Ao longo do tempo a Solidal acabou por se fundir dentro



do Grupo Quintas e Quintas. Inicialmente o grupo Quintas e Quintas adquiriu uma participação, mais tarde adquiriu a totalidade do capital. O grupo Quintas e Quintas também tinha uma actividade na área de condutores eléctricos, desde os anos 50, mas mais específica. Acabou por haver, no início do século XXI, uma fusão operacional por necessidades de produtividade e economia de escala. A unidade do Grupo Quintas e Quintas que era independente desta foi absorvida nesta e passou a funcionar tudo aqui", regista, notando que a terceira

unidade existente em Lisboa foi encerrada, em 2003.

"Portanto, houve um período entre 2001 e 2003 em que se deu uma reestruturação operacional que levou a que toda a produção de condutores e cabos eléctricos do grupo se centrasse nesta unidade", frisou.

Desde 1969 que a Solidal tem conquistado o mercado e consolidado a sua posição, acolhendo actualmente 320 funcionários. Pedro Lima lamenta que Esposende "não tenha acesso directo ao mar", pois permitiria à empresa "apostar na ampliação da

gama de produtos em cabos submarinos".

Assinala que os tempos actuais "são muito adversos" e admite que se não fosse o investimento de 13 milhões de euros iniciado em 2007 a situação actual poderia ser delicada. "Em 2007 tivemos a ousadia de planear e iniciar um investimento já sabendo o que se estava a passar em termos de crise. Mesmo assim decidimos avançar com um investimento importante, cerca de 13 milhões de euros, para tentarmos estar em melhor posição em termos competitivos para enfrentar esta crise. O investimento foi totalmente concluído em Junho de 2010 e incluiu cerca de 3 milhões de euros em equipamentos de controlo de qualidade", sublinhou, referindo-se a um "laboratório de alta tensão que é neste momento um dos melhores da Europa".

"Foi esse acréscimo de actividade, proporcionado por esse aumento de capacidade, juntamente com a evolução para produtos de maior valor acrescentado e o trabalho comercial, que fomos fazendo, ao longo dos últimos anos, uma implantação muito forte junto das principais companhias eléctricas do Sudoeste europeu - da Irlanda à Itália, passando por Suíça, França, Reino Unido e Península Ibérica. Quase toda a gente é nossa cliente, com contratos a médio prazo. O que nos dá uma estabilidade muitíssimo grande", garante Pedro Lima.

Defende que este é "um arco" que a empresa cobre "bastante bem", mas nota algumas "quebras de procura", nomeadamente na Península Ibérica. "O facto de se ter abrandando, diria

quase cessado, o investimento em energias renováveis, principalmente no eólico, produziu uma quebra na procura de cabos. Também o facto de nestes dois países se ter reduzido muito no investimento em construção civil naturalmente deprimiu a procura de cabos do outro lado", sustenta, acrescentando que no Reino Unido se verifica o contrário. "Há um planeamento a longo prazo. Neste momento as companhias eléctricas estão obrigadas a cumprir um plano de investimento que decorre entre 2012 e 2020 e que é imposto pela Entidade Reguladora. Portanto, sabemos quais são as perspectivas de investimento até 2020 e sabemos como nos posicionar. Há uma grande transparência no mercado e, por isso, acaba por proporcionar uma estabilidade de investimento muito grande", afirma. O Reino Unido é o mercado para o qual, actualmente, mais exporta.

Quanto a perspectivas futuras, Pedro Lima diz que são "cautelosas". "Teríamos hoje possibilidades, a nível comercial, de penetração adicional mesmo nestes mercados externos onde já estamos com uma posição forte. Podíamos ainda aumentá-la mais. O problema é que, neste momento, entendemos ser um risco financeiro muito elevado estar a fazer investimentos sem ter total garantia de financiamento, sem ter prazos de financiamento adequados para o retorno do investimento e, principalmente, sem ter um custo de financiamento adequado. Neste momento a ideia é não investir, não crescer", explica Pedro Lima.